

**Tradução do texto do Professor Handel Wright no Colóquio Internacional
"Colonialidade, Racialidade, Punição e Reparação nas Américas (séc. XIX-XXI)**

Mesa-redonda "Memória, Justiça e Reparação: povos africanos e afro-brasileiros"

(a reprodução integral ou parcial deste texto não está permitida)

DEF-P? Delineando e Combatendo o Insidioso Racismo Antinegro no Canadá

A imagem do Canadá é de que o país representa a paz, tolerância, equidade e uma coexistência multirracial e multiétnica harmoniosa. O Canadá se apresenta ao mundo, e a si mesmo, como um país que reconhece os povos Indígenas como um dos fundadores da nação, com grandes cidades caracterizadas pela superdiversidade, altas taxas de imigração e acolhimento de imigrantes e refugiados de todo o mundo, tem altos índices de relacionamentos românticos inter-raciais, e como uma nação de destaque no campo da manutenção da paz internacional. Ir além dessa imagem idealizada é revelar “o lado sombrio da nação,” um outro Canadá, caracterizado tanto por racismos históricos quanto contemporâneos contra Indígenas, Negros e Pessoas de Cor (IBPOC). Embora o racismo possa se manifestar de forma ostensiva no Canadá, as formas e abordagens hegemônicas canadenses frequentemente são sutis e variam conforme o grupo-alvo, sendo, portanto, decididamente insidiosas.

Neste ensaio, **apresento o DEF-P, um acrônimo que criei para capturar as características do racismo antinegro canadense, que se resumem em Negação, Apagamento, Esquecimento, culminando no Paradoxo da Negritude (invisibilidade e hipervisibilidade)**. Utilizando uma abordagem do racismo como um significante flutuante e destacando a complexidade da negritude (a importância da interseccionalidade Negra), forneço exemplos específicos de DEF-P históricos e contemporâneos. Aponto a operação do racismo antinegro canadense em vários níveis, desde o nível social (estereótipos e figuras de linguagem negativas), e políticas do governo nacional (xenofobia, racismo sistêmico), até o funcionamento de instituições de ensino superior (racismo sistêmico e inconsciente), além de preconceitos e ações individuais (microagressões, racismo interpessoal). Também destaco exemplos dos esforços valorosos (estratégias, pedagogia, advocacy) de ativistas acadêmicos e

comunitários negros e aliados que trabalham para combater o insidioso DEF-P que é o racismo antinegro no Canadá. O mundo (e os canadenses) geralmente pensam no Canadá como estando distante dos problemas de Colonialidade, Racialidade, Punição e Reparações nas Américas. Esta palestra identifica o Canadá como diretamente imbricado nessa problemática.

[SLIDE 1] **DEF-P? Delineando e Combatendo o Insidioso Racismo Antinegro no Canadá** [SLIDE 2] **IMAGEM DO CANADÁ: BOA DEMAIS PARA TER PROBLEMAS DE RACISMO?** A imagem do Canadá é de que o país é o símbolo da paz, da tolerância, da equidade e da coexistência multirracial e multiétnica harmoniosa. O Canadá se apresenta ao mundo como um país que reconhece os povos Indígenas como fundadores da nação, tem cidades superdiversas, possui altas taxas de imigração e acolhe imigrantes e refugiados de todo o mundo, com uma crescente população multirracial e multiétnica, sendo pioneiro no multiculturalismo oficial. Cidades principais como Toronto, Vancouver e Montreal são tão diversificadas socioculturalmente que se caracterizam pela “superdiversidade”, conceito cunhado pelo sociólogo britânico Steve Vertovec. O multiculturalismo canadense tem sido tão bem-sucedido que o filósofo canadense Will Kymlicka declarou, de forma definitiva, em 1998 que "o programa de multiculturalismo está funcionando", e Janice Gross-Stein observou em 2006 que "o multiculturalismo se tornou parte substantiva da identidade canadense."

Dado esse contexto, seria estranho focar no Canadá em um Colóquio Internacional sobre “Colonialidade, Racialidade, Punição e Reparação nas Américas (séculos XIX-XXI)?” A máquina de colonização e sua continuidade no neocolonialismo; os horrores do racismo, desde a escravidão histórica até o racismo institucional anti-negro na atualidade; a supremacia branca e a punição social, institucional e interpessoal infligida a pessoas negras pelo "crime" de terem um fenótipo negro; a necessidade de reparações pelos mais de 400 anos de escravização de africanos nas Américas? Certamente tudo isso está muito distante do Canadá que acabei de descrever.

[SLIDE 3] **“O LADO SOMBRIO DA NAÇÃO”: HISTÓRIA DO RACISMO OFICIAL NO CANADÁ: IMIGRAÇÃO** Essa imagem de um Canadá pacífico e tolerante é construída por meio da seleção cuidadosa dos aspectos positivos e do

esquecimento deliberado dos negativos, em uma manifestação do que Karl Popper descreveu como “ignorância não é uma simples falta de conhecimento mas é uma aversão ativa ao conhecimento, a rejeição de saber”. É uma imagem que promove uma diversidade sociocultural feliz e igualitária, um multiculturalismo celebratório de vestimentas exóticas, música e comida; o que chamei em outros lugares de multiculturalismo "sari, steel band and dim-sum multiculturalism". É uma narrativa nacional que ignora o fato de que o celebrado mosaico de culturas do Canadá é, na verdade, o que John Porter denunciou como um "mosaico vertical" que tem a branquitude anglófona e francófona no topo, outros brancos étnicos abaixo deles, vários povos racializados abaixo disso, e negros e povos Indígenas na base. É um texto visual que evita o que Himani Bannerji descreveu como "o lado obscuro da [nação canadense]", nomeadamente exemplos da história colonial dupla francófona e britânica higienizada; uma máxima esquecida do "Mantenha o Canadá Branco" e a xenofobia e racismo oficiais e individualizados na imigração (por exemplo, proibindo asiáticos de imigrar, exceto como trabalhadores e domésticos, limitando a imigração a alguns países brancos específicos, barrando a vinda de judeus para o Canadá durante e imediatamente após o Holocausto).

[SLIDE 4] **RACISMO NA ACADEMIA CANADENSE** Este é um Canadá caracterizado pelo racismo sutil mas ao mesmo tempo nem tão sutil contra pessoas Indígenas e racializadas na torre de marfim universitária (Exclusão e marginalização de outros corpos de conhecimento e outras formas de saber). Isso está bem documentado (por exemplo, o livro 1 - sobre as formas sutis como o racismo atua nas universidades canadenses; o livro 2 revela que a equidade é um mito na academia; e o pôster 3 - um relatório de quase 300 páginas da Força-Tarefa sobre racismo e antirracismo em uma instituição específica, a Universidade de British Columbia). Além disso, há a escravidão institucional sendo mantida fora do currículo escolar de História; uma falha generalizada e repetida em cumprir tratados com alguns povos Indígenas e a ocupação de terras tradicionais, ancestrais e não cedidas de outros povos Indígenas. Em resumo, outra imagem do Canadá é a de um estado colonial e supremacista branco que é xenofóbico e racista, mas muitas vezes de maneiras mais sutis, difusas, ocultas, negadas e estranhamente esquecidas. O que este artigo contribui, portanto, é um exame das maneiras pelas quais os temas deste simpósio existiram e continuam a existir no

Canadá, mas com mais nuances, de fato insidiosas, do que em outras partes das Américas.

O que estou focando neste ensaio é o racismo - as maneiras como o racismo canadense, ou mais especificamente o racismo anti-negro canadense, se manifesta, nomeadamente o que estou chamando de DEF-P, sendo o objetivo final a manutenção de uma nação colonial e supremacista branca. Em seguida, abordarei as maneiras pelas quais o racismo anti-negro pode e está sendo combatido; como antirracistas progressistas estão trabalhando para amenizar o problema e lutar pela representação e prosperidade dos negros, contribuindo assim para um Canadá mais equitativo e socialmente justo. Daí meu título: “Def-P! Delineando e Abordando o Insidioso Racismo Anti-Negro Canadense.”

[SLIDE 5] LETRAMENTO RACIAL: NÍVEIS E FORMAS

O racismo é um exemplo do que o teórico britânico de estudos culturais, Stuart Hall, se referiria como um "significante flutuante", já que seu significado não é singular e fixo, mas múltiplo e variável. Na minha visão, uma base muito necessária para realizar trabalhos sobre racismo é um letramento básico sobre o racismo. Isso envolve uma conscientização sobre os níveis e formas de racismo.

Níveis de Racismo:

- (1) Racismo Individual / Interpessoal (cotidiano, microagressões, a compreensão mais comum e a mais resistente do racismo)
- (2) Racismo Institucional / Sistêmico (refere-se ao "pré-consciente" - preconceito consciente e inconsciente)
- (3) Racismo Social (estereótipos, história, "senso comum", por exemplo, os sikhs como violentos, o “indiano” bêbado, a mulher negra promíscua). É importante notar que esses níveis não operam de maneira isolada, mas são mutuamente solidários, até mesmo co-dependentes.

Formas de Racismo:

O racismo é como um verdadeiro camaleão - disposto a mudar e evoluir ao longo do tempo e em diferentes circunstâncias.

(1) Racismo Fenotípico (a compreensão mais comum, cor da pele, textura do cabelo, etc. - o que Stuart Hall se refere como "diferenças no cabelo, pele e osso" – agora considerado incivilizado, sem base científica)

(2) Racismo Cultural (pós-fenotípico, diferença cultural como eufemismo para cor da pele - exemplo francês de racismo contra árabes do Norte da África - nômades em Paris).

(3) Racismo Pós-Racial (racismo após o suposto fim do racismo, de fato, fim da importância da raça (por exemplo, a eleição de Barack Obama como presidente dos Estados Unidos). Quando a raça não importa, as acusações de racismo são falsas e refletem as deficiências das pessoas que lidam com o "cartão da raça", em vez de qualquer culpa de indivíduos, instituições e sociedade).

(4) Xenoracismo (a combinação potente de xenofobia e racismo, religião, por exemplo, pode se tornar o eufemismo para racismo nas formas de anti-semitismo e islamofobia). É importante notar que essas formas de racismo não operam de forma isolada nem em uma cronologia organizada: formas anteriores continuam a prosperar mesmo com o surgimento de novas, e, de fato, todas elas servem como eufemismos para o racismo fenotípico original.

[SLIDE 6] **RACISMO ANTINEGRO = “DEF-P!”**

Em geral, é fácil identificar o alvo do racismo contra os negros, seja no Canadá ou em qualquer outro lugar - fenótipo, cor da pele - a negritude é o identificador fácil. Mas as formas exatas que o racismo contra os negros assume no Canadá e como ele é perpetuado são bastante sutis e é isso que estou chamando de Def-P. Sei que Def-P soa como o nome de um artista obscuro de hip-hop que você está se esforçando para

localizar. Não é: é o acrônimo que criei para resumir a maneira complexa e cheia de nuances com que o racismo contra os negros funciona na sociedade canadense, o efeito cumulativo da combinação de Negação, Apagamento e Esquecimento com o paradoxo resultante de a negritude ser ao mesmo tempo invisível e hipervisível na sociedade canadense.

[SLIDE 7] **NEGAÇÃO – MEDIDAS CONTRA A PRESENÇA NEGRA NO CANADÁ** (Note o conluio entre os Estados Unidos e o Canadá para negar a entrada de negros no Canadá.)

O superintendente de imigração canadense em 1914 declarou que “africanos, não importa de onde sejam, não estão entre as raças buscadas [para imigração no Canadá].”

- Propaganda anti-negra em jornais dos EUA.
- Recusa de empresas americanas em vender passagens de trem para passageiros negros com destino ao Canadá.
- Palestras em comunidades negras nos EUA que sugeriam fortemente que o Canadá era inóspito para negros.
- Alta taxa de negação de entrada de negros (por exemplo, 89 em 1901 e 1.524 até 1911 em todas as pradarias).
- Multas contra capitães de navios que embarcavam negros das Índias Ocidentais tentando emigrar para o Leste do Canadá.

[SLIDE 8] **APAGAMENTO DE “ETNOBAIRROS” NEGROS**

Ambas as extremidades do Canadá, desde a costa leste até a costa oeste. Africville, na Nova Escócia, e Hogan’s Alley ou Black Strathcona, na British Columbia, são exemplos de *etnoburbs* negros — bairros onde os negros não apenas se estabeleceram em números significativos, mas, mais importante, eram resilientes e autossuficientes fisicamente, espiritualmente e economicamente. Em ambos os casos, esses bairros foram declarados “desgraça urbana” pelos governos locais e provinciais. Ambos foram literalmente demolidos — casas, igrejas, negócios. Africville foi transformada em um parque para cães sem coleira, e Black Strathcona, no local de um viaduto. As comunidades negras foram literalmente apagadas e, no caso de Vancouver, nunca se

recuperaram, de modo que não existem *etniburbs* negros em toda a província da British Columbia até hoje.

[SLIDE 9] **ESQUECIMENTO: FALHA EM LEMBRAR OU ENSINAR SOBRE A ESCRAVIDÃO NO CANADÁ** A escravidão de pessoas Indígenas e Negras existiu tanto na Nova França (atual Quebec) quanto no Alto Canadá (1629-1834). A maioria dos canadenses nunca aprendeu isso na escola, e esse esquecimento voluntário da história negativa contribuiu para o mito de que o Canadá é moral e eticamente superior aos Estados Unidos, sendo sua única relação com a escravidão a de um refúgio de liberdade para negros que escaparam da escravidão, a última parada no Caminho de Ferro Subterrâneo. A escravidão era legal tanto na Canadá francesa quanto na inglesa. Na Nova França, a escravidão era uma instituição colonial; era regulamentada por um decreto aprovado pelo Rei Luís XIV da França em 1685, que definia as condições da escravidão no império colonial francês, chamado de Código Negro. Como aponta o Museu Canadense para os Direitos Humanos, “as leis coloniais sobre a escravidão, como o Código Negro, forneciam algumas proteções mínimas às pessoas escravizadas. O Código exigia que os proprietários fornecessem aos escravos comida, abrigo e roupas. Mas também empoderava os proprietários de escravos a infligir punições violentas aos escravos, incluindo marcação, mutilação e até mesmo a morte.” Quando o Canadá admite a existência histórica da escravidão, a impressão geral dada é a de que a instituição era muito mais humana no Canadá do que nos Estados Unidos e no Caribe, mas leis como o Código Negro falam muito contra esse mito.

[SLIDE 10] **O PARADOXO DA NEGRITUDE CANADENSE: INVISIBILIDADE & HIPERVISIBILIDADE** O resultado dessa convergência de negação, apagamento e esquecimento é o paradoxo de que a negritude canadense é simultaneamente invisível e hipervisível. Por exemplo, o Mês da História Negra (fevereiro) tem sido tradicionalmente celebrado com reconhecimento de figuras dos Estados Unidos, como Rosa Parks, que todos conhecem por ter se recusado a ceder seu assento a um homem branco em um ônibus em Montgomery, Alabama, em 1956, marcando um momento importante no movimento dos direitos civis americano. Ironicamente, existe uma figura canadense, Viola Desmond, que se recusou a ceder seu assento na área reservada a brancos em um cinema em Halifax, Nova Escócia, uma contribuição significativa para os direitos dos negros no Canadá, e o fez em 1946, uma década inteira antes de Rosa

Parks. Este ato corajoso foi invisibilizado nos livros didáticos de história canadense e no conhecimento popular até muito recentemente, quando foi destacado através do ativismo negro. No entanto, mesmo agora que ela está sendo reconhecida, Viola Desmond é comumente caracterizada como “a Rosa Parks do Canadá”, quando, na verdade, Rosa Parks deveria ser reconhecida como a Viola Desmond dos Estados Unidos.

Quando os negros não estão sendo invisibilizados no Canadá, eles estão, alternativamente, sendo tornados hipervisíveis. A hipervisibilidade significa que os negros são notados quando são identificados com conquistas extraordinárias (geralmente em esportes ou música) ou através de envolvimento em crimes e escândalos. Um exemplo primário disso é o velocista Ben Johnson, que era um herói canadense, celebrado como o homem mais rápido do mundo, especialmente quando venceu a corrida de 100 metros em um recorde de 9,79 segundos nas Olimpíadas de Verão de 1988. Ele foi mais tarde vilificado como “o imigrante jamaicano Ben Johnson” quando foi descoberto que havia realizado esse feito com a ajuda ilegal de esteroides metabólicos. Assim, Ben Johnson foi originalmente hipervisível de maneira positiva como velocista e herói canadense; depois, ele foi hipervisível de maneira negativa como um vilão e um trapaceiro, e, nesse processo, foi apagado e invisibilizado do Canadá ao ser rotulado como imigrante de um país em desenvolvimento de maioria negra (o que, por insinuação, é de onde ele teria adquirido esses valores não-canadenses).

[SLIDE 11] **NEGRITUDE E RACISMO INSTITUCIONAL NAS UNIVERSIDADES CANADENSES** Quando o trabalho acadêmico inclui a abordagem do racismo, geralmente é sobre como ele funciona na sociedade. A imagem que se tem da universidade é a de uma torre de marfim — um espaço para a troca equitativa de ideias, afastado de problemas sombrios como a discriminação de vários tipos. Uma imagem alternativa da universidade é que ela é sempre, por definição, uma instituição branca e, por consequência, racista. A universidade no Canadá foi estabelecida por homens brancos de classe média, envolvendo homens brancos de classe média como professores que ensinam conhecimentos e formas de saber eurocêntricos a homens brancos de classe média como estudantes. Todos os outros — mulheres, pessoas

racializadas, Indígenas e da classe trabalhadora — não pertenciam naturalmente a esse espaço. Esse legado continua: as universidades permanecem hegemonicamente brancas, e o espaço teve que ser criado para incluir todos esses outros. Mesmo com a Lei de Equidade no Emprego (destinada a aumentar a representação de quatro grupos: mulheres, pessoas com deficiência, minorias visíveis e povos Indígenas), as universidades canadenses continuam sendo hegemonicamente brancas — a liderança, especialmente em níveis mais altos, é majoritariamente branca e, ironicamente, os esforços para atender à lei de equidade no emprego resultaram principalmente na contratação de mulheres brancas, pessoas brancas com deficiência e brancos LGBTQ — em outras palavras, a diversificação da universidade tem sido o que Malinda Smith descreveu como “a diversificação da branquitude”. Nesse ambiente, a negritude continua a ser excluída ou marginalizada: os corpos negros são corpos fora de lugar no campus (como acadêmico negro, eu mesma me referi como “o professor inesperado”) e há escassez de negritude — poucos estudantes, professores e funcionários negros, poucos corpos de conhecimento e formas de saber negros e poucos espaços negros.

[SLIDE 12] **ATIVISTAS ACADÊMICOS NEGROS** Tudo isso significa que a universidade não é um terreno neutro, nem mesmo um lugar de onde acadêmicos críticos podem abordar problemas sociais como o racismo na sociedade. Em vez disso, a universidade é um microcosmo da sociedade, e todos os problemas do que Stuart Hall chamou de “o sujo mundo exterior” existem ali também. Em vez da divisão tradicional entre ativistas comunitários e teóricos e pesquisadores universitários, há uma necessidade de acadêmicos que também sejam ativistas comunitários, incluídos dentro da universidade como comunidade. Isso representa um trabalho triplo para essas figuras — trabalho acadêmico tradicional (pesquisa, ensino, serviço) mais ativismo na comunidade e dentro da universidade como comunidade, em suma, um oxímoro, Ativistas Acadêmicos Negros. Esta é uma imagem de ativistas comunitários locais (por exemplo, o poeta de *spoken word*, *slams* e historiador comunitário, Scruff Mouth) e ativistas acadêmicos (por exemplo, David Chariandy, professor universitário e romancista e ativista comunitário) que se uniram para abordar a presença negra, a necessidade de combater o racismo anti-negro e trabalhar pela prosperidade negra no contexto da Grande Vancouver.

[SLIDE 13] **NEGRITUDE NO CANADÁ E NA ACADEMIA CANADENSE**

Usando-me como exemplo, eu faço parte do Conselho da Cidade de Vancouver para o Mês da História Negra; do Conselho Externo da Cidade de Vancouver sobre Diversidade; do Conselho Comunitário do Ministério da Educação da Colúmbia Britânica sobre Educação Antirracista, além de co-editar livros sobre a reinterpretação do Canadá como a Terra Prometida, a última parada na Ferrovia Subterrânea; sobre as nuances do que significa ser negro na academia canadense e liderar trabalhos antirracistas em nível universitário, atuando como Co-presidente do Grupo de Trabalho da Universidade da Colúmbia Britânica sobre Antirracismo e Excelência Inclusiva. Aqueles de nós que assumem essa carga tripla são acadêmicos de uma maneira semelhante ao que o romancista e dramaturgo nigeriano Wole Soyinka é como escritor. Soyinka diz que não se pode dar ao luxo de ser um escritor apolítico, alguém que faz arte pela arte. Ele também precisa ser um ativista político dentro e fora de sua escrita porque, como ele diz, “eu tenho uma responsabilidade especial porque consigo sentir o esperma reacionário anos antes que a violação da nação aconteça”. Apesar de a maior parte desse trabalho não ser reconhecida como parte do trabalho acadêmico, muito menos remunerada, alguns de nós sentimos que, diante do racismo anti-negro e de outras injustiças na academia e além, temos uma responsabilidade especial de carregar essa carga tripla.

[SLIDE 14] **COMBATENDO A NEGRITUDE (DO DEF-P AO FLORESCIMENTO NEGRO)**

Embora ativistas comunitários e acadêmicos individuais possam fazer contribuições significativas para abordar o DEF-P que é o racismo anti-negro e para promover a presença negra e contribuir para a prosperidade negra, esse trabalho não deve ser deixado apenas para eles. As instituições como um todo precisam promover mudanças progressivas; as universidades, por exemplo, precisam abrir espaço para a negritude — corpo docente, funcionários, alunos, espaços negros, conhecimentos e formas de saber negros — não por altruísmo e generosidade, mas na tentativa de se tornarem instituições caracterizadas pela excelência inclusiva.